

BIBLIOGRAFIA

Nesta secção - possível graças à colaboração de Editoras amigas -, será feita referência às obras de que nos forem enviados dois exemplares. As opiniões expressas vinculam apenas os seus autores.

- Platão, Cartas, trad. de Conceição Gomes da Silva e Maria Adozinda Melo, Lisboa, Ed. Estampa, 1971 (col. Clássicos de Bolso)
- Celso, Contra os Cristãos, trad. de José Henrique Botelho Júnior, Lisboa, Ed. Estampa, 1971 (col. Clássicos de Bolso)

Que intenção presidiu à edição destes textos da Antiguidade, em versão portuguesa? É-nos difícil adivinhá-la, mas se ela foi de divulgação cultural teremos também de admitir que não se terá optado pela solução mais conveniente para lançar tais textos, em colecção de bolso, no grande público português. Para tradução escolheu-se um intermediário francês. Como é habitual entre nós, concordemos; aqui sobrou um pouco de honestidade, ao darem-se, como títulos originais, respectivamente: Lettres e Discours vrai contre les chrétiens. Sem comentários... Não se escolheu, por outro lado, com o devido acerto, o modelo: não se ria impossível encontrar além-Pirinéus um outro melhor, em que não faltasse uma pequena introdução para situar a leitura e encaminhar o próprio leitor através do texto. Mesmo assim, teria sido possível poupar a esse leitor, desprevenido, a matriz francesa sob capa portuguesa (exs. como conduzir por "comportar", sages, sageza, etc.), embora fosse mais difícil acertar, através do intermediário, com o matiz específico da expressão original. A onomástica não escapa à deformação já esperada, se bem que haja obras de referência nacionais que permitam resolver bom número de dúvidas. Caueat lector!

A.A. NASCIMENTO

Maria Helena da Rocha Pereira, Estudos de História da Cultura Clássica,
Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª ed., 1976

Redigido muito embora com fins predominantemente didácticos, o livro da Profª. Rocha Pereira nem por isso deixa de ser uma obra repleta da erudição vasta e sólida a que a sua A. de há muito nos habituou. É, pois, com satisfação que se assinala o recente aparecimento de uma quarta edição destes "Estudos" a quem a Cultura Clássica em Portugal já tanto deve, e decerto continuará a dever: como instrumento de trabalho de reconhecida utilidade, prioritariamente para os alunos das Faculdades de Letras, como veículo de propaganda, entre o público leitor, dum inesgotável manancial de pontos para reflexão e de raros momentos de prazer - a cultura grega.

Recensear devidamente o livro da Profª. Rocha Pereira implicaria percorrer de novo todo o vasto mundo cultural explorado pela A., por quanto em cada página encontraríamos estímulo para empreender salutar confronto de ideias. Mas se semelhante tarefa fosse levada a cabo, em vez de uma recensão... teríamos outro livro, de dimensões, que não de mérito, talvez apreciáveis!

Discordâncias, como não as haverá? "Em campo tão vasto como este, é forçoso ser selectivo, e inevitável ser omissos" (Prefácio, p.10): cada leitor, em função dos seus interesses pontuais, gostaria de ver este ou aquele capítulo mais desenvolvido, este ou aquele tema mais aprofundado. Um exemplo: o capítulo sobre o estoicismo (pp.447-9) acentua o valor do pensamento moral dos filósofos do Pórtico omitindo que, ao acentuarem o domínio da razão ($\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$) no Universo, eles foram levados a investigações de carácter lógico e linguístico cujo valor é hoje completamente reconhecido (cf. M.Frede, Die stoische Logik, Göttingen, 1972).

Reparos? Igualmente inevitáveis. Porquê Sila e não Sula (p. 20) , porquê Doloneia e não Dolonia (p.59)? Tot capita, quot sententiae, diria Terêncio. Justo, mas em obra sobretudo de carácter didáctico conviria que entre os classicistas portugueses se estabelecesse um consenso quanto aos processos de transcrição dos vocábulos gregos e latinos.

Entre os méritos, e muitos são, dos Estudos da Profª Rocha Pereira,

conta-se a inclusão, em apêndice a cada capítulo, duma criteriosa bibliografia sobre o tema em epígrafe. Infelizmente as obras aí sugeridas para ulterior leitura são escritas predominantemente em inglês e alemão (em - bora indicando-se as traduções em outras línguas que eventualmente existam). E dizemos "infelizmente" porque, nos tempos que correm, não é frequente um estudante chegar à Faculdade com conhecimentos de inglês que bastem para ler, ou sequer consultar, uma obra escrita nessa língua. Quanto ao alemão... Por isso mesmo, e como a produção lusitana no campo da Filologia Clássica está longe de ser abundante, se faz notar a não inclusão nas bibliografias referidas do trabalho do Prof. Rosado Fernandes sobre "O temas das Graças na poesia clássica", ou o estudo da Prof^a. M.H. Prieto "Da esperança na obra de Eurípides", que mereceriam ser indicados nos capítulos sobre a religião grega e sobre a obra euripidiana, respectivamente. E outra estranheza ainda: porquê citar Willamowitz, Der Glaube der Hellenen (de que, aliás, em 1976 a Wissenschaftliche Buchgesellschaft, de Darmstadt, publicou uma bela reedição anastática) no capítulo "A concepção do homem nos poemas homéricos" e não o referir no cap. dedicado à religião grega, que pareceria ser o seu lugar próprio?

Além dos "Estudos", e com eles compartilhando uma muito notável tarefa de difusão dos valores clássicos entre a nossa juventude (e não só!, como é de moda dizer-se), já a Prof^a. Rocha Pereira publicou uma magnífica antologia de textos literários gregos, em versão portuguesa da sua autoria, sob o título Hélade (Coimbra, 3^a 1972). Seja-nos, deste modo, lícito terminar estas breves notas com um voto: se a Hélade se veio juntar este I volume de Estudos sobre a cultura grega, possa a recente publicação de Res Romanae (antologia de autores romanos, igualmente em versão portuguesa) pela Prof^a. Rocha Pereira ser em breve seguida do aparecimento dum II volume de Estudos de História da Cultura Clássica, dedicado este à cultura latina: a profundidade do saber e a segurança de orientação manifestadas em tantos e tantos trabalhos da A. deixam-nos certos da relevância que tal publicação assumiria no nosso contexto cultural.

J.A. SEGURADO E CAMPOS

Francisco de Sá de Miranda, Obras Completas, Vol.II, 3ª ed., revista,
Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1977

Na recensão feita ao primeiro volume das Obras Completas de Sá de Miranda (CLASSICA, 2, p.84), formulava-se um voto pelo breve surgir do segundo, esgotado então. Pois a Livraria Sá da Costa - uma das poucas e ditoras empenhadas, na hora presente, na divulgação da cultura lusitana - acaba de brindar-nos com a "3ª edição, revista"; "texto fixado, notas e prefácio de Rodrigues Lapa". Aqui se coligiram as canções, as elegias, as cartas, as comédias e a oração ao rei D. João III e rainha D.Catarina.

A obra de Sá de Miranda vale pela riqueza do seu conteúdo social, pela busca intrépida de novas formas literárias, pela castiça linguagem que lhe veicula o pensar e pela lição de verticalidade. O seu torturado estilo aguarda ainda quem sobre se debruce amoroso. E o Glossário elaborado em 1936 por Carlota Almeida de Carvalho necessitava de revisão.

As Cartas desvelam-nos a amargura dum recto carácter que assiste, de coração aperreado, ao galopar do seu querido país para o abismo. Solta, consciente da função social do poeta, o alarme patriótico. São elas o melhor da sua obra. No que tange às Comédias, afirmei já noutra parte (Euphrosyne, N.S., I, p.291) que Os Estrangeiros são uma sensaboria e que Os Vilhalpandos pouco mais valem. Embora. Eram um tentame de teatro clássico para gente instruída, feito por alguém nutrido de boa cultura clássica, mas na verdade pouco dotado para as lides de ficção.

A obra mirandina merece figurar na biblioteca de qualquer português que preze os nossos monumentos literários de antanho. É fácil, agora, a sua aquisição.

J.LOURENÇO DE CARVALHO

Duarte Nunes de Leão, Crónicas dos Reis de Portugal, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1975

Já anteriormente tivemos a oportunidade de referir o interesse de que se reveste a colecção "Tesouros da Literatura e da História" de Lello & Irmão Editores (cf. CLASSICA, nº2, p.82). O volume Crónicas dos Reis de Portugal reformadas pelo licenciado Duarte Nunes de Leão é mais um exemplo de uma edição condigna, luxuosa, mas nem por isso menos acessível ao público leitor e estudioso.

Duarte Nunes de Leão, "desembargador da Casa da Supplicação" apresenta na primeira parte da sua obra as crónicas do conde D.Henrique e de todos os reis da primeira dinastia. Saliente-se o interesse das crónicas do conde D.Henrique, segundo se crê a primeira que foi escrita (cf. pp. XXIII-XXIV), e a de D.Afonso III, fundamentada, possivelmente e apenas, num relatório primitivo bastante suscito da vida e da acção do rei. A segunda parte da obra é dedicada às crónicas dos reinados de D.João I, D.Duarte e D.Afonso V. A obra Crónicas dos reis de Portugal, publicada em 1600, enquadra-se numa mais vasta corrente da historiografia portuguesa, que, ainda nos princípios do século XVII, manifesta uma tendência nítida pelas grandes sínteses. Estas grandes sínteses se, por um lado, permitem a expurgação de feitos fabulosos, possibilita, por outro, uma popularização da história de Portugal.

O trabalho de "reforma" que Duarte Nunes de Leão realiza não consiste apenas na síntese das fontes (e a diversidade das fontes está implícita na forma final das crónicas) ou na redacção das crónicas dos reis que ainda não tinham sido objecto do interesse dos historiógrafos, mas pretende ser também um acto de expurgação de numerosos incidentes fabulosos. Diz o Autor na início da crónica do conde D. Henrique: "... Porque a mi não me moueo o amor, odio, ou speranza de algum interesse de Principes, que ha quinhentos annos que passarão, nem cobiça de ganhar honra com authores mortos, que ja por si não podem tornar, & que sendo viuos não se poderão defender.Mas desejo de mostrar a verdade, que todos os bõos deuem seguir, & abraçar, & que por si se descobre, & manifesta."

Não podemos deixar de fazer referência ao notável trabalho de apresentação que o Prof. M.Lopes de Almeida realiza na "Introdução". O leitor é suficientemente informado acerca do Autor - personalidade controversa e rica - e acerca da obra, das suas fontes, do modo da sua composição, do seu conteúdo, dos seus problemas. Uma nota muito positiva é a publicação de documentos biográficos inéditos de Duarte Nunes de Leão.

Crónicas dos Reis de Portugal 'é mais um volume-museu da literatura portuguesa e da sua historiografia em particular. Fazemos votos para que ele, devidamente manuseado, possa ser instrumento de uma cultura que se quer cada vez mais científica, mais viva e mais profunda. Será uma forma de recompensar o Editor pelo seu trabalho tão meritório.

Fixemos, acerca da obra, as caracterizantes palavras finais do comentário introdutivo: "...É uma expressão bem sintomática da época do cronista-reformador, a segunda metade de um século que ainda viveu orgulhoso dos louros conquistados, mas que pouco a pouco se vão embancando e amarelecendo no crepúsculo declinante da vida nacional"(p.XXXVI).

V.JABOUILLE

Fernão Mendes Pinto, Peregrinação, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora,
1977

A leitura de Fernão Mendes Pinto é sempre um convite sedutor à imaginação do leitor. Aventura, exotismo, encanto, acção, fortuna, miséria, pitoresco, realismo... surgem, misturados como "ingredientes" romanescos, na Peregrinação. Mas a sedução da sua leitura não reside apenas no conteúdo; a narração é animada por uma linguagem viva, coloquial e saltitante que não cansa o leitor.

Fernão Mendes Pinto é um autor controverso e discutido. Não nos interessa aqui discutir o problema do seu valor histórico, mas não queremos, também, negar o seu interesse documental. Documento definidor de um tempo socio-psicológico do homem português, A Peregrinação é, principalmente, um monumento artístico da literatura portuguesa. Como artista, Fernão Mendes Pinto é demasiado versátil e pouco ortodoxo e, por isso, atraente e interessante.

A selecção, o prefácio e as notas desta edição são da autoria do Prof. Rodrigues Lapa. Trata-se, como é natural, de uma escolha de textos que, segundo é dito no prefácio (p.15), dá "um apanhado geral dos países percorridos por Fernão Mendes Pinto" e oferece "as suas belas páginas de narração e descritivo". O texto escolhido é o da primeira edição (1614) e completam a obra esclarecedores mapas.

Integrada numa colecção de "Clássicos do estudante", esta reedição noutra suporte editorial prossegue a função inicial de apoio aos estudiosos, um apoio feito através da divulgação de textos criteriosamente escolhidos, apresentados de uma forma simples mas correcta e científica, e, pormenor que não é para descurar, economicamente apetecíveis.

V.JABOUILLE

Irwin Stern, Júlio Dinis e o Romance Português, Porto, Lello & Irmão, 1972

Irwin Stern, docente no City Colledge of New York, escolheu, para tema da sua tese de doutoramento em Filosofia, a obra do nosso Júlio Dinis. Não consigo descortinar que vínculos prendem o seu trabalho à Filosofia, mas o caso não nos diz respeito. Costaria de aferir o nível de fidelidade da tradução ao original; mas que esta é vasada num português desenxabido, sem brilho literário, não me restam dúvidas. Acrescem faltas evidentes, que resultam do pouco profundo conhecimento que a tradutora possui da nossa língua.

I.S. repartiu o corpo da sua tese por sete capítulos. Nos cinco primeiros faz abordagem pré-textual e subtextual. Num total de 253 páginas, só 80 analisam o texto do nosso romancista. Ora se considerarmos que Régis Moniz já tinha feito a dita abordagem (e com que brilho!) em Júlio Dinis e a sua obra (Stern ignora a 6ª edição, "revista e melhorada pelo autor"), esta parte do seu estudo carece da frescura da originalidade. É certo que se encontram, aqui e acolá, uns interessantes respigos, de mistura com opiniões duvidosas (p.ex.: Rodrigo Paganino não era, nem é, "escritor pouco conhecido" (p. 104); Camilo é apreciado superficialmen-

te (pp. 24-25) etc.). A página 216 refere o sonho de Cecília, que tem características distintamente pré-freudianas", mas esqueceu-se de dizer que já Egas Moniz detectara traços psicológicos nas personagens maiores d' Uma Família Inglesa.

O capítulo VI, intitulado "O Estilo Novelístico de Júlio Dinis", é instrutivo, bem como a "Conclusão" (cap.VII). A melhor parte do livro, a mais válida. Pena é que o A. não tivesse pensado numa análise aprofundada de qualquer dos romances. Deteve-se nas generalidades. Liberto Cruz é-lhe superior. Penso que a tese de I.S. deveria ter sido orientada, ou pelo menos revista, por um português familiarizado com a crítica literária.

O livro está enriquecido com uma ampla bibliografia (39 páginas), instrumento de trabalho na verdade indispensável a futuros estudiosos da obra do nosso grande romancista. É-nos grato, a nós portugueses, com provar a simpatia com que um estrangeiro se debruçou sobre a vida gloriosa e infortunada, por breve, de Joaquim Guilherme Gomes Coelho.

J. LOURENÇO DE CARVALHO

Maria Luísa Nunes, As Técnicas e a Função do Desenho de Personagem nas três Versões de 'O Crime do Padre Amaro', Porto, Lello & Irmão, 1976

Mais uma tese de doutoramento em Filosofia com assunto estritamente literário defendida no City University of New York. Esta, porém, mais nutrida e douta que a de Irwin Stern. Há, como se sabe, três versões de O Crime do Padre Amaro, sucessivamente ampliadas. Poia a A. lançou ombros a uma tarefa aliciante, mas espinhosa: confrontar as técnicas queirosianas de caracterização das personagens nas referidas versões. E diga-se já que se saiu bem do empreendimento.

É instrutivo verificar que os nossos grandes escritores não produziram de jacto as suas melhores obras: cortavam, acrescentavam, refun-
diam. Ocorre-me a descrição que Ferreira de Castro fez dum incêndio na Amazónia. Que diferença entre o esboço, digamos tosco, em Sendas de Lirismo e de Amor (cito de cor) e o que aparecerá, elaborado, n' A Selva!

Os 21 capítulos que integram a tese de Maria Luísa Neves lêem-se todos com sumo agrado. Apraz-me declarar que a A. produziu um trabalho sério, reflectido e inteligente. Completa-o uma sucinta bibliografia.

J. LOURENÇO DE CARVALHO

James Amado, Chamado do Mar, Lisboa, Europa-América, col. "Livros de Bolso Europa-América", 1977

A editora Europa-América prossegue a sua iniciativa de publicação de uma colecção de "bolso", economicamente acessível ao grande público. Possuindo já cerca de centena e meia de títulos publicados, esta colecção apresenta, como seria de desejar, um aspecto variado, passível de captar os gostos de um público heterogéneo.

James Amado, crítico de literatura e de artes plásticas, publicista e contista, dá-nos em Chamado do Mar, seu primeiro romance, um quadro rico da vida de certo sector do povo brasileiro. O Nordeste está presente com a sua violência, os seus conflitos, as suas injustiças, o seu mundo sofrido, desamparado. Concebido numa sucessão de planos cronologicamente não imediatos, Chamado do Mar é simultaneamente uma história de amor e de ódio, de opressão e de libertação, de nascimento e de morte.

Obra estilisticamente trabalhada, Chamado do Mar - que tem contra si o versar um tema tratado várias vezes por Jorge Amado - constitui uma leitura agradável e uma boa prova de vitalidade de uma colecção que interessa continuar.

V. JABOUILLE

Pedro da Silveira, Antologia da Poesia Açoriana - do século XVIII a 1975, Lisboa, col. "Vozes do Mundo", Sá da Costa Editora, 1977

Uma antologia é, por definição, etimológica erudita, uma "colheita de flores", isto é, uma escolha de textos considerados exemplares segundo determinados critérios específicos. E se, no que respeita às flores, há os que gostam de rosas e os que gostam de narcisos, também no que concerne à poesia os gostos e os critérios são vários e díspares. Daí que as antologias sejam sempre passíveis de crítica ou de discordância.

Integrada numa colecção em boa hora lançada pela Editora Sá da Costa, Antologia da Poesia Açoriana foi "concebida e feita no propósito de demonstrar que a poesia açoriana existe". O primeiro elemento de prova é o próprio título.

Observando os títulos já editados na colecção "Vozes do Mundo", constatamos que ela é um repositório de obras de "literatura de expressão portuguesa". Agostinho Neto, Luandino Vieira, Castro Soromenho, Mário de Andrade, Arlindo Barbeitos, Ruy Duarte de Carvalho e, em breve, Corsino Fortes são os companheiros de Pedro da Silveira nesta colecção. Embora recente, a expressão "literatura de expressão portuguesa" possui um conteúdo antigo, materializado ao longo de muitos anos de distanciamento e discriminação. O alcance da fórmula "literatura de expressão portuguesa" transborda do campo literário e linguístico para o político. Também tal se verifica nesta Antologia da Poesia Açoriana, embora com tonalidades diversas da dos outros casos da colecção (cf. "Prefácio", pp.3-4, etc.).

O problema nuclear desta Antologia está, parece-nos, na definição de "poesia açoriana". É poeta açoriano aquele que nasce nos Açores ou é poeta açoriano aquele que, "estrangeiro", capta o sentir, a poesia do povo açoriano, a açorianidade? Ou serão os dois? Afirma o compilador da Antologia: "Já dei a entender que não me esforcei por catar de cada poeta o que mais exteriorize a sua condição de nascido e criado nos Açores. Entendo que o Açoriano tem o mesmo direito de ser universal, desde que assim atinja bom nível de realização, que tem outro qualquer poeta, doutra qualquer literatura!"(pp.40-41). Esta posição deve ser complementada com outra, de carácter retrospectivo, anteriormente expressa: "...Entendo, na verdade, que literatura açoriana quer dizer, para os Açores, exactamente o equivalente ao que quer dizer, para Portugal, literatura portuguesa, ou, para qualquer outra terra do mundo, a sua literatura: a que foi e está sendo realizada pelos seus naturais ou naturalizados, dando ou não dando dela e seus habitantes um testemunho imediatamente localizável!"(p.21). Açorianidade - poesia - Universalidade são, parece-nos, as coordenadas definidoras propostas.

Como se disse no início, os critérios antológicos são sempre susceptíveis de desagrado e exprimem a opinião individual ou do grupo. Nesta Antologia, incluem-se poetas açorianos nascidos nos Açores e poetas naturalizados açorianos. Refiram-se alguns dos nomes mais significativos (por razões várias): Antero de Quental, Roberto Mesquita, Armando Côrtes-Rodrigues, Duarte de Viveiros, Vitorino Nemésio, Dinis da Luz, Pedro da Silveira, Natália Correia, Carlos Wallenstein, Eduíno de Je -

sus, Martins Garcia. Não queremos deixar de salientar a inclusão de textos de jovens poetas (Santos Barros, Alamo de Oliveira, João de Bettencourt, Borges Martins, Urbano de Bettencourt, Pereira da Costa, Duarte Rodrigues, Marcolino Candeias), garante de permanência e afirmação da poesia açoriana.

Pedro da Silveira, compilador da Antologia e representativo poeta açoriano, assinou o prefácio (pp.1-41), que, além de apresentar, de uma forma panorâmica e crítica, a poesia açoriana, levanta a problemática intrínseca da sua literatura. Prefácio esclarecido, polémico, político, é instrumento auxiliar do leitor. Só é pena que alguns poemas desmereçam da apresentação.

Várias vezes se estabelece o cotejo entre duas literaturas insulares de expressão portuguesa: a açoriana e a cabo-verdiana. Aproximação positiva, curiosa, pode conduzir, porém, a conclusões gratuitas (embora verosímeis). Se o ilhéu possui características psíquico-sentimentais idênticas, quer seja cabo-verdiano, islandês, madeirense, canário, açoriano ou martinico, a verdade é que existem diferenças "qualitativas" profundas. E a menor não é o sémen africano. Nem o Trópico. E muito menos S.Tomé. Influências mútuas ou comuns são sempre possíveis (embora o terreno seja movediço e, logo, perigoso). Jorge Barbosa (sempre o primeiro poeta cabo-verdiano, sejam quais forem os ventos políticos...) , Baltazar Lopes (ou Osvaldo Alcântara), Nuno Miranda, a Claridade e em bloco e os mais jovens, Gabriel Mariano, Manuel Lopes, Corsino Fortes, Kaoberdiano Dambara (o grito político africano), têm entre si uma série de características comuns que, se, por um lado, aproximam a literatura cabo-verdiana da literatura portuguesa ou da açoriana (o horizonte limitado, a ânsia da partida, etc.), por outro lado, a afastam desta e a dirigem para outras literaturas miscegenadas, particularmente para a brasileira (a seca, a fome, a partida...).

Se outros méritos não tivesse esta Antologia da Poesia Açoriana-, o simples facto de coligir e divulgar uma literatura discriminada seria só por si suficiente para justificar a atenção do público leitor de língua portuguesa.

V. JABOUILLE

Roland Bourneuf e Réal Ouellet, O Universo do Romance, Coimbra, Livraria Almedina, 1976

A Livraria Almedina, como editora universitária, tem tido um papel de relevo na dinamização da cultura portuguesa. A "Colecção Almedina", de que a obra em epígrafe é o trigésimo segundo título publicado, é digso um exemplo. Indo ao encontro do interesse pelo estudo do romance e pelas actuais orientações dos estudos, O Universo do Romance, da autoria de dois professores da Faculdade de Letras da Universidade de Laval, no Québeque, Roland Bourneuf e Réal Ouellet, caracteriza-se pela clareza e facilidade de expressão.

Depois de uma "Introdução", em que se apresentam alguns problemas gerais (a fortuna de uma palavra, a literatura é também um comércio, seduções do romance, ao princípio era o conto, etc.), deparam-se-nos seis capítulos, cada um deles dedicado a um tema intrínseco: A história e a narração (questões de vocabulário, os avatares da intriga, a acção, início e desenlace, a parte e o todo, dividir-ordenar-reunir, as narrativas múltiplas), o ponto de vista (o pacto narrativo, o foco da narração, o narrador heterodiegético e os níveis da narrativa, o ponto de vista como significação), o espaço (inventário dos locais, deslocações e itinerários, descrever ou não descrever, porquê a descrição?, o problema do realismo, a relação com o mundo), o tempo (o tempo da aventura, o tempo da escrita, o tempo da leitura), as personagens (uma rede de relações, funções da personagem romanesca, modo de apresentação, os avatares da personagem romanesca), o romance e o seu autor. Completam a obra uma bibliografia, um índice de autores citados, um índice de temas e uma tábua de matérias.

A tradução, da autoria de José Carlos Seabra Pereira, satisfaz, demonstrando não só domínio das duas línguas, portuguesas e francês, como cuidado na sua realização. Observemos, porém, que o tradutor poderia ter valorizado a edição portuguesa desta obra com a actualização da bibliografia original. Muitas das obras indicadas na "Bibliografia" já se encontram publicadas em língua portuguesa (e algumas até pela Livraria Almedina). Parece-nos que este trabalho, necessário e urgente, compete ao tradutor, que não deve ser apenas um instrumento de versão. E alguns editores portugueses começam já, felizmente, a exigí-lo.

Uma última observação para lamentar que uma mais cuidadosa revisão tipográfica não tenha permitido corrigir as numerosas gralhas que o texto apresenta.

O Universo do Romance pode considerar-se uma obra de iniciação, mas uma iniciação que pressupõe leituras e que fornece ao estudioso, se o pretender, os instrumentos que possibilitam pesquisas mais profundas e complexas

V. JABOUILLE

Maria Tereza de Fraga, Humanismo e experimentalismo na cultura do século XVI, Coimbra, Livraria Almedina, 1976

A leitura da "Introdução" é fundamental para compreender e enquadrar Humanismo e experimentalismo na cultura do século XVI. Resultado da ordenação de notas utilizadas para a exposição do tema "Humanismo e Experimentalismo no séc. XVI", que faz parte do programa de História do segundo ano do curso complementar dos Liceus, a obra transparece de uma forma talvez excessiva o seu carácter didáctico. Mas se este aspecto pode ser encarado como negativo, ele tem, porém, a vantagem de ser susceptível e de uma útil e positiva utilização pedagógica.

A obra divide-se em três pontos: Humanismo e Experimentalismo no séc. XVI (e aqui a ciência do séc. XVI é apresentada por oposição à da Idade Média), o Experimentalismo em Portugal e o Humanismo em Portugal. As principais ideias caracterizadoras do Humanismo são expressas de uma forma clara, despretensiosa e acessível, bem como os aspectos mais salientes do Experimentalismo. Uma outra nota que nos parece positiva é o registo de dados apresentadores de várias personalidades do Experimentalismo e do Humanismo portugueses. Esboços biográficos simples, mas que possibilitam uma compreensão nacional de um fenómeno cultural vasto.

Estamos, em suma, perante uma obra que, sem profundas ambições científicas, alcança o fim para que foi realizada. Leitura destinada sobretudo aos estudantes liceais do ensino complementar - baseada numa sucessão de textos e documentos de apoio distribuídos pelo MEIC em 1974/75 - é, parece-nos, um curioso e útil instrumento de trabalho a esse nível, que, entre outras vantagens, possibilita um aprofundamento dos temas das aulas.

V. JABOUILLE

Julia Kristeva, Semiótica do Romance, trad. de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Editora Arcádia, 1977

Incluída em 4º lugar na colecção "Práticas de Leitura", a Editora Arcádia proporciona-nos o encontro, e, desta vez, de um modo mais sistemático, com uma parte, ainda que restrita, da obra de uma das figuras mais representativas da nova crítica literária francesa: Julia Kristeva.

Na prossecução da finalidade que pretende atingir, a da "atenção aos signos, sua manipulação, e seu traçado no histórico" (cf. a contracapa da colecção), a Semiótica do Romance inclui três estudos extraídos de Sémeiôtiké - Recherches pour une Sémanalyse, ed. du Seuil 1969: "A semiótica, ciência crítica e/ou crítica da ciência" (1968), "O texto fechado" (1966-1967) e "A palavra, o diálogo e o romance" (1966).

Prefaciada por Maria Alzira Seixo que condensa, em meia dúzia de páginas, o essencial da doutrina exposta, é obra de difícil abordagem para o leitor ou crítico desprevenido ou não prevenido com a terminologia decorrente do estabelecimento, em bases científicas, da nova disciplina a que se dá o nome de semiologia. Tem como finalidade, como o título sugere, equacionar, em novos moldes operatórios e sob uma perspectiva metodológica diferente da que estávamos habituados, a problemática de um género literário que até aqui se tem subtraído às múltiplas tentativas de definição rigorosa e sistemática a que tem sido sujeito: o romance.

Os estudos em epígrafe, que se destinam a actuar no sentido de uma maior consciencialização crítica na esfera actual de abordagem do fenómeno literário... e não só, são dominados por uma concepção ideológica de cariz marxista. Em particular, o estabelecimento da semiótica como disciplina estatutária, pressupõe o reconhecimento, em novos moldes e segundo uma terminologia que subverte a terminologia existente, da estrutura signifiante que é encarada como produção (de significação), como trabalho e valor de troca.

Em "O texto fechado" e "A palavra, o diálogo e o romance", e ten-

do como ponto de partida e consideração do ideograma do romance, apresenta-nos Julia Kristeva uma divisão tipológica particular que perspectiva, em novas bases, como dissemos, o estabelecimento do romance como género.

De inegável interesse para o estudioso da literatura e da teoria sobre a literatura, cremos, todavia, que o aplanamento de eventuais dificuldades a que uma abordagem desprevenida ao mundo complexo de uma nova linguagem de/e sobre a literatura poderia levar, passará por um esclarecimento dos princípios gerais da semiologia. Para tal, remetemos o leitor para obras como A Semiologia de Pierre Guiraud, Lisboa, Presença, 1973, Introduction à la Semiologie, de George Mounin, Paris, Minuit, 1970 O Grau Zero da Escrita seguido de Elementos de Semiologia, Roland Barthes, Lisboa, Ed. 70, 1973, entre outras.

M.PULQUÉRIO FUTRE

DIDASKALIA - Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, fasc.1, vol. VII, 1977

Sumário:

- E.Haag, Bund für das Volk und Licht für die Heiden (Jes
42, 6)
- J.Policarpo, Evangelização e construção da comunidade
- J.S.Teixeira, Paul Ricoeur e a problemática do mal
- A.Oliver, Reseña de las publicaciones recientes referentes
a San Pedro Crisólogo
- Domingos Maurício, S.J., A Universidade de Évora e a escra-
vatura
- Mário Martins, A "Visão de Tundalo" no "Breve Sumário da
História de Deus"
- J.M.da Cruz Pontes, II Congresso Internacional de Lutismo
no sétimo centenário de Miramar
- BIBLIOGRAFIA
- Recensões

Recebemos ainda as obras seguintes, às quais será oportunamente feita referência:

EDITORIAL INOVA SARL:

- Vasco Graça Moura, O Mês de Dezembro e outros poemas
- Cabral do Nascimento, Cancioneiro

LIVRARIA ALMEDINA:

- Lilian R. Furst e Peter N. Skrine, O Naturalismo
- S.W. Dawson. O Drama e o Dramático

LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA:

- João de Barros, O Descobrimento da Índia
- Adolfo Casais Monteiro, A Poesia Portuguesa Contemporânea

PREÇO:

avulso: 100\$00

assinantes: 80\$00